

## VOZES MATERNAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA CAMPANHA MAIO FURTA-COR

*Eixo Temático 08- Corpos que Gestam, Maternidade, Assistência à Saúde Materna e Violência. Narrativas Literárias, Ética e Bioética nos cuidados em Saúde; Movimentos Sociais e Relatos de Experiência.*

Anelise Beheregaray dos Santos <sup>1</sup>

Fernanda Beheregaray Cabral <sup>2</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** relatar as ações da Campanha Maio Furta-cor. **Metodologia:** relato de experiência da Campanha Maio Furta-cor na cidade de Cruz Alta/Rio Grande do Sul. Foram realizadas *lives*, palestras, rodas de conversa e a atividade Varal de vozes maternas.

**Resultados:** Os atributos sociais da maternidade, do amor materno atrelado ao papel de boa mãe, a culpabilização daquelas que não dão conta dessas demandas e o silenciamento de suas dores foram problematizados, evidenciando a importância da promoção da saúde mental materna. **Conclusão:** a Campanha Maio Furta-cor contribui à visibilização e sensibilização social da saúde mental materna e reforça a urgência de investimentos para que arranjos familiares inclusivos e participativos da figura paterna sejam tecidos e valorados culturalmente.

**Palavras-chave:** Maternidade; Saúde da Mulher; Saúde mental; Promoção da saúde; Campanha Maio Furta-cor.

### INTRODUÇÃO

O nascimento de uma criança produz mudanças relacionais na dinâmica familiar que se reorganiza para o seu cuidado nesta nova etapa atravessada por incertezas,

---

<sup>1</sup> Psicóloga Especialista em Gestão de Pessoas, Especializanda em Problemas do desenvolvimento na infância e na adolescência do Centro Lydia Coriat de Porto Alegre, [anelisedapsi@yahoo.com.br](mailto:anelisedapsi@yahoo.com.br) ;

<sup>2</sup> Professora Orientadora. Doutora em Ciências, Professora do Curso de Enfermagem Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)/Capus Palmeira das Missões, [cabralfernandab@gmail.com](mailto:cabralfernandab@gmail.com)

<sup>3</sup> Ação do Projeto de extensão universitária Promoção e Proteção da Saúde Materno Infantil com ênfase no Aleitamento Materno e no Nascimento Seguro.

inseguranças, o que pode gerar períodos de crise e vulnerabilidades. A maternidade costuma trazer ganhos positivos com a chegada de um filho, mas também, requer da mulher-mãe priorização das necessidades da criança em detrimento das pessoais, especialmente quando há outros filhos, gerando sobrecarga pela multiplicidade de tarefas e demandas da maternidade.

Para Badinter (2011), a futura mãe fantasia apenas o amor e a felicidade, ignorando a outra face da maternidade feita de esgotamento, frustrações, solidão, alienação e culpa. A demanda exaustiva de cuidados com a criança recai sobre esta mulher-mãe que se encontra vulnerável e, por vezes, abre mão de seu trabalho, sonhos e projetos de vida pessoal.

A atenção familiar focada no bebê tende a invisibilizar necessidades singulares da mulher-mãe, em que a conjunção desses elementos em interface a outras dimensões da vida torna a maternidade um período complexo e desafiador. Ademais, conflitos familiares costumam acontecer nos pontos de transição do ciclo vital, com fragilização de vínculos que podem produzir sintomas e disfunções emocionais (CARTER; MC GOLDRICK, 1995). Dentre essas situações, problemas relativos à parentalidade e suas responsabilidades ganham destaque quando um dos genitores manifesta dificuldades em assumir seu papel no cuidado e criação de seus filhos.

Desde uma perspectiva sociocultural e de gênero, ainda incidem no nascimento de um filho a naturalização do papel materno e suas demandas de cuidado como algo inerente ao amor materno. Por outro lado, na atualidade, apesar do forte ingresso feminino no mercado de trabalho, isto não resultou na diminuição da sua responsabilização no espaço privado do lar, desconsiderando o contexto de sobrecarga pessoal, familiar e laboral da mulher-mãe

Para além da maternidade e demais atribuições, as mulheres-mães exercem atividades laborais e muitas são as principais responsáveis pelo sustento familiar. Também, possuem aspirações no âmbito profissional e almejam reconhecimento enquanto sujeito. Essa sobreposição de tarefas que caracteriza a dupla/tripla jornada de trabalho feminino em que pese as demandas próprias da maternidade e afazeres domésticos tendem a ser relativizadas em detrimento da satisfação do bem-estar dos filhos. Para algumas dessas, isso pode ser percebido como sentimento de perdas de sua individualidade e de um tempo para seu autocuidado, principalmente quando sua rede de

apoio familiar e social é fragil ou inexistente. Neste contexto, a maternidade e demais atribuições inerentes a esse papel devem ser percebidas como gratificantes em convergência a expectativa social da boa mãe, visto que “ser mãe é padecer no paraíso” (ZANELLO, 2018). Também por isso, não há continente à manifestação de frustrações e sofrimento quando esse ideário social do papel materno não é alcançado, o que tende a gerar julgamentos e culpabilização.

A problematização da construção sociocultural da maternidade e suas vulnerabilidades evidencia a importância de ações no campo da saúde mental de mulheres-mães como a campanha Maio Furta-cor criada em 2021 durante a Pandemia da Covid-19. Essa campanha apartidária, democrática e sem fins lucrativos visa a sensibilização social à causa da saúde mental materna, questionando crenças, mitos e papéis estruturantes da visão cultural da maternidade, instigando a construção de novos paradigmas em saúde mental. Por meio de parcerias intersetoriais a Campanha promove palestras, rodas de conversa e marchas que visibilizam a temática no mês de maio (alusivo ao dia das mães) (Maio Furta-cor.com.br).

Com base nessas considerações **objetiva-se** relatar as ações da Campanha Maio Furta-cor.

## **METODOLOGIA**

Trata-se do relato de experiência da Campanha Maio Furta-cor no município de Cruz Alta/Rio Grande do Sul, realizada nos meses de maio de 2021 e 2022. Para tal fim, ancora-se no aporte teórico de Truise (2011), que propõem o resgate de experiências para sistematizá-las, reconstruindo o sucedido para gerar conhecimento. Nessa proposta olha-se a experiência como processos sócio-históricos, em que participam diferentes atores (pesquisadores, estudantes e comunidade).

Essa ação está vinculada ao Programa de extensão universitária: Promoção e Proteção da Saúde Materno Infantil com ênfase no Aleitamento Materno e no Nascimento Seguro, do Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Gênero, Vulnerabilidade e Cuidado em Saúde (GENVULC) da Universidade Federal de Santa Maria/Campus Palmeira das Missões/RS.

A experiência relatada versa sobre atividade alusiva a Campanha Maio Furta-cor intitulada “Varal das vozes maternas” realizada na praça central da cidade. Nesta, as

mulheres-mães presentes no evento foram instigadas a escrever cartazes com frases que retratassem suas percepções acerca da maternidade para serem penduradas em um varal para sua exposição e discussão. A seguir serão apresentadas e problematizadas oito vozes femininas, que para preservar seu anonimato serão identificadas pela letra M de mulher, seguida de números ordinais de um a oito (M1, M2, etc).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pandemia da Covid-19 e a imposição do isolamento social necessário como medida protetiva, produziu efeitos de ordem pública e privada com repercussões econômicas e na esfera psicoemocional familiar, inclusive com a perda de seus entes. Nesse contexto, a sobrecarga materna pelo fechamento de escolas, tripla jornada laboral, aumento do trabalho informal, reduções salariais ou desemprego, acirramento de desigualdades sociais e iniquidades em saúde, aumento dos índices de violência e feminicídio foram alguns de seus desdobramentos, com impacto à saúde mental, em especial das mulheres-mães.

Destaca-se que a Campanha Maio Furta-cor chegou até a cidade de Cruz Alta a partir da sua veiculação em redes sociais em maio de 2021 e, por tratar-se de período crítico da Pandemia, suas ações iniciais ocorreram virtualmente mediante duas *lives* sobre a saúde mental materna. Com a melhora do cenário pandêmico, em maio de 2022 suas ações foram implementadas em formato híbrido com novas *lives* para sua divulgação e eventos presenciais como: palestras e rodas de conversa em empresas locais parceiras, instituições de ensino, com apoio dos poderes judiciário e legislativos que culminaram na criação e aprovação de Projeto de Lei Ordinária nº 6788/2022, que institui o mês Maio Furta-cor, dedicado as ações de conscientização, incentivo ao cuidado e promoção da saúde mental materna no município de Cruz Alta.

Outra ação foi o evento destinado a comunidade que ocorreu na praça central denominada “Varal das vozes maternas”, cujas percepções das mulheres-mães presentes acerca da maternidade serão apresentadas e problematizadas a seguir.

*"Filhos são bênçãos de Deus, herança para a vida toda. Amor sem fim. Ame seus filhos!" (M1)*

A frase acima retrata noções de maternidade enquanto dádiva e do amor materno atrelado ao papel social de boa mãe como inerentes e naturais. Segundo Azevedo e Arrais



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,

(2006), historicamente, “ser mulher” relaciona-se diretamente a “ser mãe” e a expectativa do atendimento ao ideário do papel social exigido da boa mãe que recebe o “dom da maternidade”. Tal prerrogativa é tecida na cultura que, desde a infância, a prepara para cumprir aquilo que lhe é socialmente esperado, com a valorização de atributos romantizados de mãe amorosa, dedicada, compreensiva, equilibrada e apta a sacrifícios. Essa idealização e naturalização ainda persiste em muitas famílias, e vem sendo reforçada no atual cenário sociopolítico do país. A este respeito, evidencia-se que esse modelo da boa mãe não possibilita espaço para a emergência de ambivalências inerentes a maternidade, tampouco a verbalização de angústias, sofrimentos, conflitos e culpabilização sobre o que lhe é idealizado/esperado e a realidade vivida por muitas mulheres-mães, impondo a anulação de suas subjetividades (TOURINHO, 2006).

Outro atributo social emergente da voz das mulheres-mães é o da mãe que não dá conta, em que cabe a esta assumir papéis de cuidadora, educadora e responsável pelo bem-estar familiar considerados inerentes à condição feminina e ao amor incondicional aos filhos. Entretanto, o não atendimento dessa premissa social também gera o atributo da mãe que sente culpa, quando essa não cumpre tais expectativas, com a verbalização de sentimentos de insatisfação, frustração e impotência apontada nos depoimentos a seguir.

*"Parece que não sou uma boa mãe, não dou conta, amo meus filhos." (M2)*

*"Quando meu filho nasceu, não conseguia pedir ajuda. Me sentia menos mãe, eu precisava dar conta sozinha." (M3)*

*"Às vezes, me sinto impotente." (M4)*

*"Amo meus filhos, mas não gosto da maternidade" (M5)*

*"Culpa e medo, tenho muito isso, o tempo todo!" (M6)*

Esses depoimentos evidenciam a ambivalência de sentimentos, medos e a culpabilização que parece atravessar as vivências da maternidade por não corresponderem as expectativas idealizadas desse papel, as quais que se ancoram em normas sociais internalizadas e reproduzidas entre gerações que modela a subjetividade feminina para o exercício da maternidade (AZEVEDO; ARRAIS, 2006).

Outra voz emergente foi a de uma mulher-mãe que vivenciou a perda gestacional de um filho, produzindo o atributo **a perda de um filho é uma dor não falada pelas mães**, e tampouco visibilizada e ouvida socialmente.

*"Quando perdi meu bebê, ainda na gestação, sofri muito, sofri calada. É uma dor que não é falada." (M7)*

Esse depoimento expressa dores e sofrimentos acerca da perda gestacional de um filho que, na maioria das vezes, são invalidados nos âmbitos familiar e social. Por isso, tendem a ser silenciados e vividos solitariamente.

A morte de um filho antes ou logo após seu nascimento rompe um ciclo natural de vida e interrompe expectativas depositadas nessa criança. Segundo Muza et al., (2013), a morte fetal se iguala a morte de um sonho daquilo que não se concretizou. O luto perinatal ainda é pouco destacado por se tratar de um tema negado e invalidado socialmente, motivo pelo qual sua vivência merece atenção familiar, social e, principalmente dos profissionais de saúde mental.

Destaca-se que o ato de dar voz a essas mulheres-mães e suas vivências se configurou em estratégia cuidadora e promotora de saúde mental, como também de sensibilização e visibilidade social ao tema da saúde mental materna como expressou uma mulher que mesmo não tendo vivenciado a maternidade teve sua voz acolhida quando manifestou o desejo de participar da atividade e produziu o atributo saúde mental materna importa, como indica o seu depoimento.

*"Mesmo não sendo mãe, apoio essa causa para tornar a vida de todas as mães mais saudável e feliz. Saúde mental materna importa. (M8)*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ressalta-se a importância da Campanha Maio Furta-cor na visibilização e sensibilização social da saúde mental materna comumente silenciada, visto que os atributos da maternidade enquanto dádiva, do amor materno atrelado ao papel social de boa mãe, o da mãe que não dá conta e, por isso sente culpa e o da perda de um filho são dores não falada pelas mulheres-mães. Tais vivências não devem ser solitárias e precisam ser vocalizadas e acolhidas pela família e, sobretudo, pelos profissionais de saúde a quem cabe cuidá-las.

Ademais, as mulheres-mães não precisam dar conta de tudo e abrir mão de suas subjetividades, desejos e projetos de felicidade em prol do bem-estar de seus filhos, o que requer apoio e partilha das demandas da maternidade com suas parcerias afetivas e familiares de modo a evitar sobrecargas e prevenir o adoecimento emocional das mesmas.

Assim, recomenda-se que a saúde mental materna integre a agenda de discussão no campo da saúde mediante ações educativas como rodas de conversa, grupos de

gestantes, palestras e campanhas como o Maio Furta-cor a fim de construir dobras para que outros modos de vivenciar a maternidade possam emergir. Também, são necessários investimentos para que, arranjos familiares mais inclusivos e participativos da figura paterna sejam tecidos e valorados culturalmente.

Desde esta perspectiva, a expansão de ações como a deste relato representa um importante passo em direção a essa ‘marcha social coletiva’ de proteção e promoção à saúde mental de mulheres-mães, pois como nos lembra o slogan da Campanha Maio furta-cor “só é possível mudar o mundo, cuidando de quem cuida de todo mundo”.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, K. R.; ARRAIS, A. R. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000200013>>. acesso em 01 ago. 2022.
- BADINTER, E. **O conflito: A mulher e a mãe.** Rio de Janeiro: Record, 2011.
- CARTER, B; MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar.** Porto Alegre: Artmed, 1995.
- MAIO FURTA-COR. Disponível em: [https://www.maiofurtacor.com.br/Maio Furta-cor](https://www.maiofurtacor.com.br/Maio_Furta-cor). Acesso em: 23 jul 2022.
- MUZA, J. C. et al. Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 34-48, dez. 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872013000300003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300003&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 01 ago. 2022.
- TOURINHO, J. G. A mãe perfeita: idealização e realidade. **IGT na Rede**, v.3, n. 5, 2006. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/12>. acesso em 01 ago 2022.
- TRUISI, M. L. V. Cuidar e investigar: desafios metodologicos en enfermería. **Texto contexto - enferm.** Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 175-183, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/hLXQn6YN53XxLvHzMNzCN7y/?lang=es#ModalArticle> s. acesso em 01 ago 2022.
- ZANELLO, V. Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.